



Entre os índios soltos há vários homicidas e alguns alcoólatras

Índios egressos da Fazenda Guarani regressam às tribos

Gutemberg Mota e Silva e Waldemar Sabino

Enviados especiais

5.12.73

Fazenda Guarani — O índio Ibrobredu, carajá, 20 anos, solteiro, está feliz da vida: dentro de poucos dias poderá atender ao convite de seu irmão Tacima, que, em carta recente de Goiás, disse que a família está ansiosa por sua volta. "pois este ano as tartarugas estão aparecendo mais cedo e espero comer uma à beira da fogueira com você."

Ibrobredu é um dos 12 índios delinquentes que deixaram ontem, para voltar às suas tribos de origem, o Reeducandário, único no país, que funcionava nos mesmos moldes de uma penitenciária agrícola, com guardas (índios treinados) e até cães de caça, no posto indígena Crenaque-Guarani, na Fazenda Guarani, Município de Carmésia, a cerca de 200 quilômetros de Belo Horizonte.

Delinqüente

Acatando o parecer de antropologistas e indigenistas que estudaram os prós e contras de se resolver, com um reeducandário desse tipo, os problemas dos índios desajustados e delinquentes em suas comunidades tribais, a Fundação Nacional do Índio — Funai — decidiu extinguir a colônia penal da Fazenda Guarani e agora vai pensar numa forma mais condizente com a política indigenista brasileira de solucionar os casos dos índios problemáticos.

Uma das pessoas que mais se bateram pelo fechamento do Reeducandário foi o chefe da Ajudancia Minas-Bahia da Funai, Sr. José Geraldo Itaitutim, que, por uma razão toda especial, sente na carne o problema: ele também é índio, aliás o primeiro indígena a assumir um cargo de chefia no órgão.

Ele afirma que há de se encontrar uma outra maneira de se ajustar o índio delincente, pois o Reeducandário, nos moldes como funcionou, durante um ano, na Fazenda Guarani, e anteriormente, por mais tempo, no antigo Posto Indígena de Crenaques, no Vale do Rio Doce, já mostrou o quanto é ineficiente o sistema, principalmente porque não contou, como nas penitenciárias comuns, com um mínimo de assistência de médico, psicólogo, psiquiatra, assistente social e outros especialistas.

Itaitutim entende que a primeira grande violação que se comete com um índio delincente (ou não) é retirá-lo de seu habitat para jogá-lo numa terra estranha, onde ele não encontra nada daquilo que é comum em sua aldeia, principalmente no que diz respeito aos meios que lhe possibilitam a sobrevivência (caça, pesca, agricultura, pecuária e artesanato).

— No entanto, depois do convívio, da aculturação ou semiculturação, depois que o índio veste roupa de branco e faz muitas coisas comuns a ele, praticamente, igualando-se, é necessário protegê-lo da mesma forma como os civilizados são protegidos, isolando-os, limitando-lhes prerrogativas, vigiando-os e colocando-os até na cela com grades que temos aqui na Fazenda Guarani.

Cachaça

Nas portas dos pequenos botecos de Carmésia, e redondezas, a Funai pregou a advertência de que, por lei, é proibido vender bebidas alcóolicas aos índios, isso depois de paralisar as atividades do alambique da Fazenda Guarani, antiga subsistência da Polícia Militar de Minas (os civis que moram lá eram antigos assemelhados, meeiros e diaristas da unidade). Entretanto, os confinados vêem os civis comprando e bebendo cachaça e isso atrapalha qualquer tentativa de recuperação.

Desde a sua criação, no extinto Posto Crenaque, a colônia penal indígena já recebeu cerca de 200 índios delinquentes de diversas tribos, muitos dos quais, considerados reajustados, voltaram as suas aldeias. O Posto Crenaque já chegou a ter, de uma vez, 59 índios delinquentes. O da Fazenda Guarani teve até 22, dos quais só restam os 12 que foram liberados ontem.

Há cerca de um mês, quando o Sr. Itaitutim comunicou aos confinados de Guarani que eles voltariam às suas terras, eles passaram a cumprir com mais alegria suas poucas ocupações diárias — a capina ligeira de uma lavoura que não chega sequer a ser de subsistência e o curso do Mobrai.

Abrigados num dos 64 prédios da fazenda (o Reeducandário será transformado em enfermaria e minimaternidade), os índios delinquentes acordavam cedo, tomavam café, iam para a lavoura às 8, voltavam às 10, almoçavam, retomavam o serviço às 13 e largavam às 16 horas. Depois, ficavam à toa, por falta do que fazer na fazenda, sem material para artesanato, ainda sem verbas para o fomento de outras atividades.

No Mobrai, pelo menos aprenderam a assinar o nome. Ao quitarem o documento de liberação, cada um dos confinados, para alegria do chefe do Posto, assinou seu próprio nome. O tempo livre, o nada-que-fazer, os maus exemplos dos brancos, tudo isso prejudicou um pouco a recuedação e fez com que aumentasse a saudade de suas terras mais férteis, mais pródigas em matéria-prima para artesanato.

Equilíbrio difícil

O chefe do Posto Indígena Crenaque-Guarani, Sr. Antônio Vicente Segundo, acha que a própria Fazenda Guarani, com 105 índios vivendo em meio a 247 brancos, vai de encontro à política indigenista do Governo, pois o convívio diário com os que ele chama de "civilizados" não permite ao índio manter aquele equilíbrio tão salutar para a preservação de sua raça.

Observando que os indigenistas somente são chamados a solucionar problemas de índios delinquentes depois que os "civilizados" entram em contato com eles, levando-lhes a embriaguês, a corrupção, a prostituição e o crime, o chefe do posto afirmou ser difícil recuperar um índio desajustado num meio em que a presença do branco é constante, como na Fazenda Guarani.

Antes da infiltração do *civilizado*, se a tribo tem estrutura bem definida, os problemas surgidos, de algum modo diversos dos que emergem após o contato, são resolvidos pelas próprias autoridades tribais, que agem de acordo com seus costumes e tradições e não precisam dos brancos para aplicar suas leis — diz o chefe do Posto.

Novos rumos

Segunda-feira passada, dia em que a condução devia ir buscá-los na fazenda, o que só aconteceu ontem, a expectativa era grande no Reeducandário. Bartolino Pereira, 59 anos, pertencente à Tribo Tereno (Mato Grosso), confinado por desentendimento com o chefe do seu posto, só falava em rever os nove filhos que deixou na aldeia e dos quais nunca mais teve notícia.

A pouca bagagem de cada um há muito estava arrumada. Com sua terra e sua gente na cabeça, talvez esquecidos de seus crimes (alcoolismo, na sua maioria, brigas e homicídios), todos se mostravam ansiosos, à exceção de Ciapi, um xavante de 20 anos e de mentalidade infantil. Enquanto Zezinho de Sousa, xerente, 24 anos, pensava em como viver bem em sua tribo sem ser molestado pelos parentes do índio, cuja morte, por afogamento, foi atribuída a ele e a outro índio, Ciapi, na sua cabeça de criança, acha tudo ali uma maravilha, pois tem espaço para brincar, age como criança e é tratado como tal, e por isso não quer outra vida.

Os liberados e suas faltas

Confinados da Fazenda Guarani, ontem liberados, e seus respectivos crimes:

— Bartolino Pereira, 59 anos, casado, nove filhos, da tribo Tereno. Mato Grosso: desentendimento com o chefe de seu posto indígena;

— João Antônio Martins, 47 anos, casado, sem filhos, da tribo Tereno: alcoolismo;

— Ramão dos Santos, 37 anos, casado, três filhos, tereno: homicídio;

— Adão de Oliveira, 31 anos, casado, dois filhos, tereno, alcoolismo;

— Zezinho de Sousa, 24 anos, casado, quatro filhos, xerente (Goiás), homicídio;

— Ciapi, 20 anos, solteiro, xavante (Mato Grosso): seu defeito é ter 20 anos e mentalidade de criança e ser considerado um índio de

mau-olhado. Se voltar à tribo, morre. Irá para a Casa do Índio, em Goiânia;

Nazário Salvador, 28 anos, solteiro, tereno: homicídio;

Elias Satere, 25 anos, casado, da tribo Maués, Amazonas: homicídio e distúrbio psico-religioso. Ele se considerava Jesus Cristo. Irá para a Casa do Índio;

— Apolinário José, 25 anos, solteiro, tereno: alcoolismo;

— Ubirajara de Brito, 31 anos, cinco filhos, xerente, (Goiás): a morte de um índio, por afogamento, foi atribuída a ele e ao índio Zezinho;

— Heleño Cavania, 36 anos, casado, cinco filhos, da tribo Carajás, Mato Grosso: alcoolismo;

— fibrobredu, 30 anos, solteiro, da tribo Carajás, Goiás: alcoolismo e desentendimentos.